

Drenagem e Gestão do Uso e Ocupação do Solo, soluções para evitar tragédias

Luciano Afonso Borges (*)

A tragédia que se abateu no Litoral Norte de São Paulo caminha para completar um ano

Os desmatamentos desordenados e as ocupações irregulares despontam como os principais fatores para a ocorrência das mortes e desmoronamentos, que imprimiram uma paisagem de desespero e desolação aos moradores daquela região.

O governo estadual começou a implantar um sistema de alarme nas localidades com maior risco de desabamento, como forma de alertar a população sobre a necessidade de sair dessas regiões em casos de muita chuva. Trata-se de uma solução capaz de evitar tragédias, mas ainda distante de ações necessárias para realmente evitar desmoronamentos.

Os efeitos das mudanças climáticas chegaram para ficar. Os períodos de estiagem são intercalados com outros de alto índice pluviométrico, afetando diretamente os sistemas de drenagem dos municípios. Para enfrentar os desafios impostos pelo clima, as cidades brasileiras precisam contar com sistemas de drenagem adequados.

De acordo com dados de 2021 do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), o Estado de São Paulo possui uma taxa de cobertura de vias públicas com redes ou canais pluviais subterrâneos na área urbana igual a 27%, sendo que 571 de seus 645 municípios possuem algum nível de cobertura. De todos os municípios paulistas, 243 possuem canalização aberta de seus cursos d'água naturais, enquanto 192 possuem canalização fechada.

A junção de uma série de fatores contribuiu para impactar os municípios com enchentes frequentes, bem como deslizamentos de encostas. Esse é o resultado do crescimento urbano desordenado ao longo de muitas décadas e da falta de planejamento para o crescimento das cidades. Nas áreas densamente povoadas

a impermeabilização massiva do solo agrava os riscos de enchentes e demais desastres.

É importante lembrar o conceito de Uso e Ocupação do Solo que, por meio de legislação municipal, determina as finalidades de uso predominantes nas áreas urbanas e rurais, além de uma permanente ação de fiscalização. Portanto, todas as dinâmicas que ocorrem no município podem impactar diretamente a qualidade dos sistemas de drenagem e também dos demais componentes do saneamento básico como o abastecimento de água, o esgotamento sanitário e o manejo de resíduos sólidos.

Todas as situações que, de alguma forma, não obedecem a esse instrumento de gestão, geram pressões e danos aos sistemas de drenagem e aos demais componentes do saneamento básico, que interagem entre si. Como exemplos citam-se assentamentos irregulares, aglomerados subnormais, ocupações irregulares em Áreas de Preservação Permanente (APP) e em Áreas de Proteção e Recuperação de Mananciais (APRM), entre outros.

A partir de agora, é uma corrida contra o tempo para fazer um planejamento condizente com as localidades e implantar sistemas de drenagem urbana adequados às novas condições climáticas, que são complexos, mas necessários para o adequado funcionamento das cidades, mesmo diante de chuvas torrenciais. Essa é uma receita que não vem pronta. Para cada localidade é necessária a realização de estudos técnicos de Engenharia para que sejam propostas as melhores soluções, consideradas todas as alternativas possíveis.

A implantação de sistemas e o planejamento adequado dos nossos municípios são ações urgentes. Caso contrário, novas tragédias virão, trazendo consigo mortes e grandes prejuízos para a população.

(*) - É Diretor Técnico e Coordenador do Gt Apecs (Associação Paulista de Empresas de Consultoria e Serviços em Saneamento e Meio Ambiente) e Diretor da Maubertec Tecnologia em Engenharia Ltda.

Fôlego novo para as empresas familiares

As empresas familiares estão enfrentando desafios e oportunidades únicas. Adriano Galvão, sócio da AGV Gestão, observou que a resiliência e adaptação demonstradas pelas corporações no último ano influenciam positivamente a confiança empresarial, criando uma base sólida para enfrentar os desafios e explorar oportunidades neste ano

Entre as principais tendências econômicas, Galvão avalia o ganho de eficiência operacional, aliado a planejamentos integrados, que são os fundamentos clássicos de gestão a se implementar e/ou aperfeiçoar em uma organização. E se for sustentado por uma boa capacidade de execução, serão a tônica para o fortalecimento e crescimento das empresas, ainda mais se considerarmos as incertezas de mercado.

Outra dimensão importante na construção de bases sólidas para as organizações são os processos de Transformação Digital (TD) e Inovação, porém tratados e orientados de forma pragmática e objetiva nas empresas. Ainda que seja necessário o desenvolvimento de uma cultura de inovação e que as ações de TD devam ser "patrocinadas" pela alta-gestão, se não houver um norte claro e se a materialização das iniciativas não trouxer resultados palpáveis no médio-prazo, elas perderão a força e não trarão as vantagens competitivas que têm condições de gerar.

Outro fator importante é que os empresários se atentem para a gestão do caixa. Ainda que as organizações tenham bons planos orçamentários, estruturas de custo e boa visão de investimento, se a gestão financeira não for orientada e se não houver a capacidade de



gerar e/ou preservar o caixa, gera-se uma fragilidade na organização que pode trazer consequências duras para o negócio. Ele não pode deixar de lembrar que a pandemia destacou a importância de cadeias de suprimentos resilientes. Empresas que investirem em diversificação e flexibilidade estarão mais preparadas para enfrentar interrupções.

Galvão identifica setores com desafios e oportunidades específicas. Para a indústria automotiva que enfrenta escassez de produtos, parcerias estratégicas são vistas como cruciais. A volatilidade das commodities e as instabilidades políticas globais são fatores críticos a serem monitorados. Galvão enfatiza a importância de relações comerciais diversificadas para mitigar riscos. "A situação geopolítica atual pode afetar o comércio internacional e as relações comerciais. Empresas devem diversificar mercados e considerar a resiliência em suas operações globais".

Ainda falando de expansão e crescimento, apesar de toda instabilidade, esses cenários internos ou mesmo os globais geram oportunidades para as empresas e investidores que querem gerar riquezas: mercado imobiliário tendendo a retomar seu crescimento fortalecido pelo apetite do governo a incentivar esse setor, a indústria de bens de consumo de alto giro (alimentos, bebidas, vestuário etc) poderão gerar novos horizontes quanto à comercialização no mercado interno e também externo.

"Para navegar nas mudanças econômicas, é essencial uma transformação na gestão", destaca Galvão. Isso envolve a revisão de estratégias, investimento na equipe e flexibilidade financeira, como foco em capital de giro e alternativas de captação de recursos para suportar o crescimento (Project Finance, M&A etc). A Inteligência Artificial e a automação também surgem como aliados poderosos para impulsionar a eficiência empresarial.

Para se adaptar a um ambiente econômico em constante mudança, Galvão destaca prioridades claras: agilidade nas adequações, abordagem personalizada para cada cliente e acompanhamento das mudanças regulatórias locais. Investir em pesquisa e desenvolvimento, explorar novos mercados e alinhar estratégias com as demandas do consumidor serão chaves para o crescimento sustentável, conforme indicação de Galvão.

Setores como agronegócio, tecnologia, energia renovável e infraestrutura são identificados como áreas promissoras para o Brasil em 2024. E alguns mercados continuarão passando por mudanças: saúde/hospitalar, indústria de ativos leves, educação. O olhar amplo e fragmentado ao mesmo tempo é consequência de estudos do mercado e experiência em gestão aplicados em diversos ramos de atuação.

"A demanda por consultores por parte das empresas familiares está em alta. Os negócios, principalmente de médio porte, buscam apoio especializado para enfrentar grandes transformações e alcançar resultados específicos", ressalta. Com uma visão estratégica e foco na adaptação, as empresas familiares têm a oportunidade de prosperar em meio às mudanças do cenário econômico neste ano 2024. - Fonte: (<https://agvgestao.com.br>).

Aposentados: previdência brasileira está entre as piores do mundo

Nesta quarta-feira (24), celebra-se o Dia Nacional dos Aposentados. A data é uma homenagem à instituição da primeira lei brasileira destinada à previdência social. No país, a idade média da população é de 35 anos, com as pessoas acima de 65 anos representando aproximadamente 11% do total, chegando a mais de 22 milhões de habitantes, segundo o Censo do IBGE. O número acende um alerta sobre como será a renda de tantos idosos.

A pesquisa anual da Global Pension Report, produzida pela Allianz, mostra que o país está entre as piores previdências do mundo. Em 2023, a Dinamarca, Holanda e Suécia ocuparam os primeiros lugares do ranking, enquanto o Brasil ficou na posição 65ª. O país não se destacou nem na América Latina, já que ficou atrás do Peru, Chile, Colômbia, Uruguai e Argentina.

"É importante a organização prévia das finanças para se aposentar

diante do cenário econômico. Com isso, é possível ter tranquilidade e independência financeira, durante uma fase da vida em que a segurança e o conforto se tornam prioridades cruciais, evitando imprevistos e transtornos monetários", explica Fernando Lamounier, educador financeiro e diretor da Multimarcas Consórcios.

Com as novas regras para a aposentadoria no país, o cenário se tornou mais difícil, já que antigamente era possível se aposentar apenas com tempo de contribuição do INSS. Entretanto, agora, após a mudança na previdência, só é possível quem se enquadra nos quesitos: homens com 65 anos e 20 anos de contribuição para o INSS, e mulheres com 62 e, ao menos, 15 anos de contribuição. Tantas mudanças ocasionaram preocupação dos brasileiros, que começaram a pensar em um futuro mais estável.

A pesquisa realizada pela Anbima, em parceria com o Datafolha, aponta que nove a cada dez



aposentados dependem exclusivamente dos rendimentos da previdência pública para o seu sustento. "Eu sou um dos privilegiados por receber uma aposentadoria razoável, mas mesmo assim é necessário se controlar. Após 35 anos de contribuição para o INSS, o valor que ganho é usado apenas para as despesas básicas no cenário econômico atual, não podendo se ter outros gastos", revela Edson Ferreira, aposentado, 65 anos.

Recentemente, o governo federal divulgou o valor do

reajuste das aposentadorias e pensões do INSS acima do salário mínimo, passando o teto para R\$7.786, um aumento de 3,71%. No entanto, para os que começaram a receber o benefício em 2023, a conta será um pouco diferente, uma vez que a mudança é relativa à inflação do período de concessão da aposentadoria. Nesses casos, o INPC é o indicador utilizado.

Já para aqueles que tiveram o benefício concedido antes de 2023 o reajuste será integral, de 3,71%.

Com aplicabilidade programada para o dia 1 de fevereiro, este será o menor reajuste desde 2019. Atualmente, no Brasil, a Previdência possui 39 milhões de beneficiários, dos quais 13 milhões recebem acima do mínimo e 26 milhões o salário mínimo, que neste ano vai ser de R\$1.412.

"A população brasileira se deparou com dados chocantes e o planejamento financeiro de longo prazo, para não depender do órgão público, passa a ser essencial. Dentre as opções para investir a aposentadoria estão: planos de previdência privada, Tesouro Direto, dividendos de ações e fundos imobiliários", destaca Lamounier, ao ressaltar que num contexto desafiador como o atual, os consórcios também são importantes no planejamento da aposentadoria, já que oferecem uma abordagem estratégica e acessível para aqueles que buscam alternativas inteligentes. - Fonte: (<https://multimarcasconsorcios.com.br>).